

MARCOS ANTÔNIO ZIBORDI

PARA CREMILDA MEDINA, COMUNICAÇÃO EFETIVA É COMUNICAÇÃO AFETIVA

*PARA CREMILDA MEDINA, LA COMUNICACIÓN
EFECTIVA ES LA COMUNICACIÓN AFECTIVA*

*TO CREMILDA MEDINA, EFFECTIVE
COMMUNICATION IS AFFECTIVE
COMMUNICATION*

Recebido em: 31 out. 2016

Aceito em: 15 jan. 2017

Marcos Antônio Zibordi: Centro Universitário FIAM-FAAM (São Paulo-SP, Brasil)
Doutor em Ciências da Comunicação (ECA, USP), professor e pesquisador da graduação e do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM - Centro Universitário. Contato: mzibordi@hotmail.com
Contato: mzibordi@hotmail.com

ISSN (2236-8000)

resenha

RESENHA DE:

MEDINA, Cremilda. *Ato presencial: mistério e transformação*. São Paulo: Casa da Serra, 2016. 336 páginas. ISBN 978-92719-00-5..

Tendo atravessado sete décadas de vida produzindo com incansável entusiasmo, Cremilda Medina lançou três livros nos últimos quatro anos (2012, 2014 e 2016), o mais recente no segundo semestre de 2016. Considerando a extensa obra da autora, dedicada à dialogia social no jornalismo, não podemos, nem mesmo antes de mencionar o título do novo trabalho, começar encadeando quantidades como se números e somas fossem suficientes para comunicar abrangências. Nem sempre são.

Portanto, iniciemos com alguns dados e números pontuais em seus devidos contextos culturais, conforme a autora sempre defendeu. Nascida em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, Cremilda engatinhava enquanto dois grandes narradores reportavam a aventura brasileira na Itália durante o conflito, o cronista Rubem Braga e o repórter Joel Silveira. Corte rápido, a família muda para o Brasil, nossa autora conclui o colegial e ingressa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Letras e Jornalismo, cuja formatura ocorreu na fatídica noite de 31 de março de 1964 – outro graduando da turma era Sinval Medina, jornalista e escritor, companheiro de vida. Outro corte rápido, pulamos para 1975, Cremilda Medina é professora da Universidade de São Paulo (USP) e realiza exame de qualificação de mestrado; quanto ao contexto, ela será a primeira mestre em Comunicação da América Latina. Afastada em seguida da USP pela ditadura junto com muitos outros, retorna à mesma universidade em 1986, no período democrático. Então continua a desenvolver reconhecida pesquisa, que até chegar ao livro aqui resenhado soma 17 obras autorais e a organização de 52 coletâneas, tanto da série São Paulo de perfil, com reportagens, como do Novo Pacto da Ciência, com artigos científicos gestados no Projeto Plural, grupo de pesquisadores em torno de Cremilda Medina nas últimas décadas na USP.

Esse pequeno esforço contextual nos leva a perceber linhas centrais do pensamento da autora, como a necessidade de estar afeto aos dramas contemporâneos para narrar com comprometimento ético (a ditadura reforçou a responsabilidade social dos engajados em seu combate), a sempre urgente postura estética transformadora (a formação em Letras, a atuação como editora de livros e de cultura, a convivência com o companheiro escritor), o tempero da racionalidade no encontro entre humanos seres (penso em um dos seus mais conhecidos livros, sobre a possibilidade da entrevista ser um diálogo, cuja primeira edição é de 1986).

Sua nova obra, *Ato presencial: mistério e transformação* (2016) é estruturada como as anteriores, fazendo confluir textos teóricos e reportagens “propositalmente inseridas para mostrar de que prática falo quando me valho de noções operacionais e escolhas bibliográficas” (p. 25). Porém, o grande recado não é a armação compósita da narrativa, com diversidade empolgante de textos, incluindo do exame de qualificação da autora à recriação da história da baratinha, além de reportagens. O valor da obra está na incômoda lembrança plantada em passagens pontuais, sem óbvio alarde, da importância do ato presencial num mundo crescentemente mediado pela virtualidade. Assim, o apelo para o repórter ir a campo e

ao outro, um dos dilemas fundamentais do jornalismo, fica dramático, e as posições teóricas de Cremilda Medina, defendidas há décadas, ganham renovada importância.

Atenta à crise de paradigmas das últimas décadas, em *Ato presencial* a autora continua dialogando com obras epistemológicas seminais como a de Thomas Kuhn, sobre a estrutura das revoluções científicas (1998), o libelo do colombiano Luís Carlos Restrepo defendendo o direito à ternura (2000), e a epistemologia complexa de Edgar Morin, entre outros. Isso no que se refere a altas esferas teóricas, pois para os aspirantes ao jornalismo, que Cremilda Medina sutilmente convoca o tempo todo, o desafio realizável é ser um leitor cultural. E para isso é preciso galgar mais do que o domínio dos manuais. Muito além do horizonte da técnica, o autor da narrativa da aventura humana deve vislumbrar o contexto contemporâneo em que muitas vozes e sentidos urgem por mediação competente.

Quem pretende reportar a realidade de forma transformadora enfrentando os mistérios dos atos presenciais precisa se livrar, antes de ousar qualquer pauta, dos incontáveis ranços positivistas que emperram o trabalho de cientistas e jornalistas, produtores de sentidos com ares de verdade; autoritários narradores escondidos em terceiras pessoas majestáticas; apegados a métodos quantitativos, a provas palpáveis, mensuráveis; incentivadores do desprezo a subjetividades; praticantes de métodos e análises tendencialmente mutiladoras (sistemáticas, mas não sistêmicas), sujeitos, enfim, de atividades pouco ou nada dialogantes (vide a similar surdez de médicos e jornalistas diante de seus interlocutores, conforme depreendemos da leitura de *Ciência e Jornalismo*, de 2008).

Esses e outros reposicionamentos devem ser compreendidos com cuidado, sem o deslumbre de ocas propostas pretensamente revolucionárias, deslumbre amplamente verificável, por exemplo, na alentada relação entre jornalismo e literatura, que para Cremilda Medina tem a ver com a inspiração incentivada pelo gesto emancipador da arte, não se reduz ao esmero textual. Nesse sentido, vale ler e reler a passagem do exame de qualificação de mestrado da autora, entre as páginas 69 e 70, em que ela desconstrói imaturos “discípulos de Tom Wolfe”. Para Cremilda Medina, a estilística “resulta de um mergulho presencial na reportagem” (2016, p. 280).

Mais não podemos discutir, nem revelar. Há o limite editorial, a tradicionalmente curta extensão da resenha, e uma delicada questão a considerar no emergente panorama cultural: hoje em dia, adiantar o final de uma narrativa, ou fatos decisivos, irrita profundamente a audiência. É *spoiler*, em linguagem tecnológica contemporânea.

Se bem que, certamente, Cremilda Medina não está afeta a nada disso.

REFERÊNCIAS

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MEDINA, Cremilda. *Ato presencial: mistério e transformação*. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus, 2014.

_____. *Casas da viagem – de bem com a vida ou afetos do mundo*. São Paulo: Edição da autora, 2012.

_____. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

_____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1986.

RESTREPO, Luís Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 2000.